

## Especialização e competitividade do comércio exterior da Bahia (2005-2016)

Leandro Batista Duarte<sup>1</sup>

### Resumo

O presente estudo analisou o padrão de especialização do comércio internacional do Estado da Bahia identificando os setores produtivos mais dinâmicos no período entre 2005 e 2016. Como metodologia, foram calculados os indicadores de comércio internacional do estado, como o Índice de Vantagem Comparativa Revelada; Índice de Contribuição ao Saldo Comercial; Índice de Comércio Intraindústria; Índice Gini-Hirschman (Índice de Concentração das Exportações); e a Taxa de Cobertura das Importações. Os resultados revelaram que apenas cinco setores da indústria baiana obtiveram vantagem comparativa no período em análise, entre eles, destaque para os produtos pasta de madeira e papel e o setor têxtil. Os resultados dos índices de concentração evidenciaram que o estado possui pauta exportadora industrial diversificada. Já o índice de comércio intraindústria mostrou que o comércio internacional baiano de bens industriais é basicamente interindustrial, ou seja, predomina o fluxo de bens entre diferentes setores de atividades.

**Palavras-chave:** índice de competitividade, comércio exterior, Bahia.

### Abstract

The present study analyzed the specialization pattern of international trade in the State of Bahia, identifying the most dynamic productive sectors in the period between 2005 and 2016. As a methodology, international state trade indicators were calculated, such as the Revealed Comparative Advantage Index; Index of Contribution to the Commercial Balance; Intra-industry trade index; Gini-Hirschman Index (Concentration Index of Exports); And the Import Coverage Ratio. The results showed that only five sectors of Bahian industry had a comparative advantage in the period under analysis, among them, wood pulp and paper products and the textile sector. The results of the concentration indexes showed that the state has a diversified industrial export pattern. On the other hand, the intraindustry trade index showed that Bahian international trade in industrial goods is basically interindustrial, that is, the flow of goods predominates among different sectors of activity.

**Keywords:** competitiveness index, foreign trade, Bahia.

## 1. Introdução

A inserção internacional de determinada economia é considerada um dos elementos mais importantes para analisar o dinamismo comercial. O intercâmbio comercial pode implicar positivamente no aumento da competitividade e na busca por matérias-primas com menores custos, conseqüentemente, podendo favorecer as importações, qualidade dos produtos e serviços e a dinamização de toda a economia.

Observa-se, na atualidade, um crescente intercâmbio comercial de semelhantes itens manufaturados entre os países, inclusive entre as nações em

---

<sup>1</sup> Doutorando em Economia na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE-PIMES). Mestre em Economia pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Graduação em Economia pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Email: leandro.duarte1@hotmail.com

Recebido em fevereiro de 2017 e aceito em maio de 2017.

desenvolvimento. Este movimento sugere contrariedade à existência somente de comércio interindustrial, como aponta a teoria tradicional das vantagens comparativas, a qual prevê que uma nação exportará produtos que utilizam intensivamente seus recursos abundantes e que são produzidos a baixos custos, e importará bens que utilizam o fator de produção em que possui escassez e que são produzidos internamente de forma onerosa, em relação ao resto do mundo.

Neste contexto, o Brasil se inseriu mais intensamente no mercado mundial a partir da década de 1990, com a abertura da economia, a adoção do Plano Real pós 1994 e a reestruturação produtiva. Constata-se, no entanto, que nem todas as macrorregiões brasileiras obtiveram o mesmo desempenho de abertura, como é o caso da Nordeste. Esta última se mostrou mais fechada durante pelo menos quatro décadas em relação às demais regiões do país, mas apresenta desde os anos 2000 uma favorável mudança no seu comportamento quanto à participação no comércio internacional, sobretudo pelo desempenho baiano, principal estado exportador da região (MOURA e BARBOSA, 2014).

Em 2010, a Bahia possuiu entre os Estados brasileiros, o nono maior volume de exportação do país, chegando perto dos US\$ 9 bilhões de dólares Free On Board (FOB). A maioria desses produtos oriundos do estado baiano foi considerada de elevado grau de industrialização, o que levou à conclusão de que a pauta de exportações baianas mudou com o decorrer do tempo, haja vista que, na década de 50, as exportações do Estado estavam concentradas em produtos agropecuários, em destaque, o cacau (ROCHA, 2012). Em 2016, a Bahia manteve-se na mesma colocação no *ranking*, porém apresentou uma queda de aproximadamente US\$ 2,2 bilhões de dólares em comparação com o ano de 2010. Apesar disso, o estado baiano ainda apresenta maior participação da região Nordeste (MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA, COMÉRCIO EXTERIOR E SERVIÇOS, 2017).

Diante desse contexto, este estudo tem como objetivo analisar o padrão de especialização das exportações da Bahia no período de 2005 a 2016, verificando os setores produtivos mais dinâmicos do estado, bem como compreender a composição da pauta de exportações da Bahia. Para alcançar os objetivos serão mensurados vários indicadores de comércio internacional.

O artigo está organizado da seguinte forma: além dessa introdução, a segunda seção apresenta um referencial teórico, a terceira uma evolução do fluxo comercial da Bahia no período 2005-2016; na seção 4 são apresentados os indicadores de estrutura e padrão comercial da Bahia; na seção 5 os resultados e, por fim, têm-se as considerações finais.

## 2. Referencial teórico

A teoria do comércio internacional surgiu da necessidade de explicação das trocas internacionais. Os principais contribuidores clássicos foram Adam Smith e David Ricardo aos quais remonta o desenvolvimento de uma análise susceptível de generalização a qualquer país, assim se contrapondo às concepções protecionistas dos mercantilistas<sup>2</sup>, uma teoria do comércio internacional de validade universal.

Smith (1776), publicado originalmente em 1776, desenvolveu a teoria das vantagens absolutas como a base do comércio internacional. A vantagem absoluta de um país na produção de um bem resulta de uma maior produtividade, isto é, da utilização de uma menor quantidade de insumo para produzir esse bem enfrentando menores custos.

Ricardo (1817) aprimorou essa teoria, ao estender a possibilidade de ganhos de comércio também para países que não possuem vantagens absolutas em relação a outros. Segundo Ricardo, não é o princípio da vantagem absoluta que determina a direção e a possibilidade de se beneficiar do comércio, mas a vantagem comparativa.

De acordo com Krugman e Obstfeld (2005), a teoria de Heckscher e Ohlin difere do modelo ricardiano por distinguir o comércio internacional do comércio inter-regional e na identificação dos fatores que determinam a existência de vantagens comparativas. Para explicar o papel das diferenças de recursos no comércio, a Teoria de Heckscher-Ohlin (HO) mostra que a vantagem comparativa é influenciada pela interação entre os recursos das nações (a abundância relativa dos fatores de produção) e a tecnologia de produção (que influencia a intensidade relativa com que fatores de produção diferentes são utilizados na produção de bens diferentes) (KRUGMAN & OBSTFELD, 2005).

Nesse contexto, as teorias do Comércio Internacional, especificamente, a Teoria das Vantagens Comparativas e a Teoria da Dotação Relativa de Fatores de Eli Heckscher e Bertil Ohlin são a base para o estudo proposto. Um país possui vantagem comparativa na produção de um bem se o custo de oportunidade da produção desse bem em relação aos demais é mais baixo nesse país do que em outros. Já a Teoria de Heckscher-Ohlin (HO) procura mostrar que o comércio internacional é condicionado, em grande parte, pelas diferenças entre os recursos dos países. Como a teoria enfatiza a inter-relação entre as proporções em que fatores de produção diferentes estão disponíveis em diferentes países e as proporções em que eles são

---

<sup>2</sup> O mercantilismo consistiu numa coleção de atitudes similares em relação à atividade econômica doméstica e ao papel do comércio internacional. Os mercantilistas preocupavam-se com a acumulação de metais monetários, ouro e prata, que associavam à ideia de riqueza do país. Uma vez que a oferta de ouro era relativamente fixa, acreditavam que um país poderia aumentar o seu estoque de metais monetários à custa dos demais.

utilizados na produção de diferentes bens, ela é chamada de teoria das proporções de fatores (KRUGMAN & OBSTFELD, 2005).

Com isso, o comércio do tipo HO, é o comércio interindústria, que consiste na importação e exportação de bens de setores diferentes, refletindo as vantagens comparativas em relação à dotação de fatores de produção entre as regiões. De modo paralelo, quando há a troca de produtos de um mesmo setor industrial entre países, tem-se o comércio intraindústria (FEISTEL, 2006 *apud* COSTA et al, 2012).

Primeiramente, o termo comércio intraindústria foi descrito, inicialmente por Grubel e Lloyd (1975) definindo como sendo o valor das exportações de uma indústria que é exatamente compensado por importações da mesma indústria. Conforme Hidalgo e Da Mata (2003), o comércio baseado nas vantagens comparativas pela disponibilidade de proporção de fatores tende a reduzir na medida em que há uma elevação das semelhanças tecnológicas entre os países, ocasionando um aumento natural do comércio intraindústria. Assim, esta corrente teórica discute as implicações das economias de escala e da concorrência monopolística dentro do comércio internacional. Nessa percepção, Feistel (2006) afirma que o comércio pode ser explicado mesmo quando o fluxo de bens apresenta intensidade de fatores semelhantes.

Conforme Bannock *et al* (1977), "existe economia de escala quando a expansão da capacidade de produção de uma firma ou indústria causa um aumento dos custos totais de produção menor que, proporcionalmente, os do produto". Onde há economias de escala, dobrar os insumos em uma dada indústria mais do que dobrará sua produção.

Desse modo, a existência do comércio é justificada por vantagens em economias de escala, e não pelas diferenças entre as dotações de recursos. Um país, ao adquirir custos decrescentes à escala na produção de um bem, especializa-se neste e garante sua competitividade no comércio internacional. Desta forma, a explicação do fluxo de comércio intraindústria, segundo Krugman (1981), está entrelaçada à economia de escala, e à consideração de que a indústria não é perfeitamente competitiva, sendo ela capaz de produzir produtos diferenciados. As economias de escala evitam que um país produza toda a variedade de produtos por si mesmo (COSTA *et al*, 2012).

Nota-se que a vantagem comparativa tem papel fundamental no comércio interindústria, enquanto as economias de escala estimulam o comércio internacional, caracterizando o comércio do tipo intraindústria (GUIMARÃES, 2007).

### 3. Balança comercial da Bahia no período 2005 a 2016

A recente trajetória da economia baiana demonstra oscilações na estrutura produtiva estadual, apresentando saldos positivos e negativos durante o período em análise. No que se refere às exportações, a participação da Bahia frente ao valor total das vendas externas do Brasil registrou percentual de 5,05% em 2005 e de 3,66% em 2016. Portanto, nesse período as vendas externas do estado sofreram altos e baixos em relação ao ritmo de crescimento quanto ao país.

Na Tabela 1, podem-se observar as exportações e importações segundo fator agregado referente ao período de análise do estudo. Percebe-se que nos anos de 2014 a 2016 o estado baiano sofre com déficit, visto que o valor das importações superaram as exportações no total.

**Tabela 1. Exportações (X) e Importações (M) segundo fator agregado (em mil US\$ FOB) da Bahia no período de 2005 a 2016**

Ano	Básicos		Industrializados				Total	
			Semimanufaturados		Manufaturados			
	X	M	X	M	X	M	X	M
2005	1.192.717	801.878	1.003.138	59.206	3.729.306	2.490.013	5.952.161	3.351.097
2006	844.815	1.351.206	1.597.526	59.085	4.264.912	3.064.748	6.707.253	4.475.039
2007	1.090.499	1.507.712	1.999.508	125.235	4.237.931	3.781.651	7.327.938	5.414.598
2008	1.483.814	1.674.289	2.854.586	232.225	4.243.451	4.403.063	8.581.851	6.309.577
2009	1.632.551	1.200.428	2.197.707	189.623	3.094.381	3.282.529	6.924.639	4.672.580
2010	1.742.539	1.806.886	2.604.840	251.762	4.419.590	4.647.289	8.766.969	6.705.937
2011	2.668.719	1.777.313	3.012.066	336.362	5.209.479	5.630.063	10.890.264	7.743.738
2012	2.815.122	1.410.960	2.634.448	689.093	5.700.989	5.664.455	11.150.559	7.764.508
2013	2.036.590	1.866.316	2.911.540	613.664	5.032.206	6.408.699	9.980.336	8.888.679
2014	2.319.944	1.662.885	2.483.616	396.729	4.386.534	7.221.257	9.190.094	9.280.871
2015	2.337.253	1.440.793	2.530.161	616.47	2.938.024	6.229.609	7.805.438	8.286.872
2016	1.605.497	1.162.802	2.318.489	230.495	2.779.325	4.758.152	6.862.010	6.151.449

Fonte: Elaboração própria com base em MDIC (2017)

Todos os principais segmentos da pauta de exportação do estado em 2016, registraram quedas em relação ao ano anterior, sobretudo as vendas de produtos básicos que caíram 31,3%, fruto principalmente da redução nos embarques de produtos do agronegócio que ficaram 25% menores devido à seca que reduziu a produção agrícola do estado em 35% além da queda média de preços no mercado internacional. Somente o "complexo soja" (que inclui grão, farelo e óleo), que geralmente lidera o ranking das exportações de produtos agrícolas na Bahia, teve receitas 41% menores no ano, o algodão 32%, o café 38% e o milho 78% (SEI, 2017).

A fraca atividade doméstica associada ao câmbio contribuiu para a expressiva queda das importações em 2016 que chegou a 25,8%. As reduções ocorreram de forma disseminada em todas as categorias de uso, encabeçada pelos combustíveis com redução de 31,4% e pelos bens intermediários que ficaram 24,7% menores em relação a igual período de 2015, reflexo da baixa taxa de crescimento da economia e da queda na produção industrial (SEI, 2017).

Quanto aos parceiros comerciais, em 2005 os principais destinos das exportações baianas eram os Estados Unidos, sendo este o destino de 18,31% das vendas do Brasil, seguido da Argentina, México e China (Tabela 2).

Ao longo dos anos ocorreram modificações nos principais destinos das exportações baianas. Dos três principais destinos das exportações da Bahia em 2005 têm-se os Estados Unidos, que ao longo da década passam de 1º para 2º no *ranking* dos destinos das exportações baianas, caindo de 18,31% para 13,75%; a Argentina passa de 2º colocado, com 11,99%, para 3º, com 11,26%; o México passa de 3º para 10º colocado, com 9,78% para 2,13% e a China aumenta a proporção de produtos comprados da Bahia, passando de 5º para 1º lugar no *ranking*, de 4,11% da proporção das exportações baianas para 22,18%.

**Tabela 2. Exportações para principais países de destino**

Países	Participação (%)			
	2005	2009	2013	2016
China	4,11	15,42	18,34	22,18
Estados unidos	18,31	14,17	10,84	13,75
Argentina	11,99	10,71	13,46	11,26
Países Baixos (Holanda)	4,09	8,49	14,19	7,00
Bélgica	2,20	3,22	2,32	3,98
Alemanha	3,05	5,25	4,12	4,14
Coreia do sul	0,60	2,88	1,57	2,77
Canadá	1,81	0,78	1,48	2,25
França	3,09	1,85	1,60	2,20
México	9,78	2,64	2,64	2,13
Índia	0,92	0,49	0,32	1,98
Japão	1,03	2,13	1,18	1,77
Chile	1,76	0,94	0,94	1,67
Itália	3,15	3,97	1,78	1,51
Colômbia	0,60	1,61	2,24	1,38
Espanha	2,18	2,07	1,87	1,40

Fonte: Elaboração própria com base em MDIC (2017)

Os produtos químicos e petroquímicos, no ano de 2010, foi o segmento que mais exportou na Bahia, registrando percentual de 19,67% do total exportado. Outro setor de grande importância foi o de papel e celulose (Tabela 3).

**Tabela 3. Exportações baianas segundo principais segmentos no período de 2010 a 2016**

Segmentos	Valor (US\$ 1000 FOB)						
	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
Químico/Petroquímico	1.748.595	1.792.015	1.788.467	1.562.786	1.775.564	1.249.255	1.153.366
Papel e celulose	1.674.800	1.802.770	1.678.618	1.686.912	1.596.480	1.374.848	1.148.776
Metalúrgicos	649.419	891.007	609.545	973.002	617.436	892.009	833.618
Soja e derivados	927.637	1.281.473	1.429.714	1.217.422	1.334.678	1.365.671	808.171
Automotivo	545.344	481.805	426.071	734.239	427.204	392.252	462.593
Petróleo e derivados	1.349.983	1.958.677	2.134.776	1.515.787	1.369.842	545.209	434.599
Metais preciosos	304.406	412.396	430.297	349.850	303.646	268.630	362.300
Cacau e derivados	296.245	284.571	209.649	155.723	207.817	268.676	289.402
Algodão e subprodutos	292.797	669.968	592.940	253.151	425.329	358.944	243.021
Borracha e suas obras	223.645	318.097	289.430	230.959	244.138	211.455	200.262
Minerais	35.226	166.965	124.343	48.536	96.929	150.745	127.579

Fonte: Elaboração própria com base em MDIC (2017)

Apesar desses dois grupos (produtos químicos/papel e celulose) representarem o maior percentual das exportações baianas em 2010, é importante destacar outros setores tradicionais nas exportações baianas, como o petróleo, cujas exportações somaram receitas de US\$ 1,79 bilhão (15,19% de participação), e o setor de soja, cujas vendas registraram receitas no valor de US\$ 1,28 bilhão (10,43% de participação).

Em 2016, os principais produtos exportados para a China foram celulose, catodos de cobre e soja em grão. Seguem-se os EUA com crescimento de 15,8% (pneus, químicos, derivados de petróleo) e a Argentina com incremento de 2,8% (automóveis, fios de cobre e derivados de cacau).

#### 4. Metodologia

Os índices de competitividade utilizados foram: Índice de Vantagem Comparativa Revelada; Índice de Contribuição ao Saldo Comercial; índice de Comércio Intraindústria; Índice Gini-Hirschman (Índice de Concentração das Exportações); e a Taxa de Cobertura das Importações.

##### 4.1. Índice de Vantagens Comparativas Reveladas (VCR)

Para obter alguns resultados quanto ao desempenho do setor externo da Bahia, o presente estudo recorreu aos indicadores mais utilizados e discutidos na literatura.

Com a finalidade de identificar os produtos do Estado da Bahia com vantagens comparativas no comércio exterior, utiliza-se o índice de vantagens comparativas reveladas (VCR). Segundo Balassa (1965), esse índice é utilizado para determinar os setores sobre os quais uma região possui vantagem comparativa e revela a evolução do poder de competitividade de cada setor, fundamentado em dados observados após a realização do comércio. Dessa mesma forma, Hidalgo (1998) afirma que o índice VCR mede a relação entre a participação de mercado do setor e a participação da região (estado) no total das exportações do País, fornecendo uma medida da estrutura relativa das exportações de uma região (estado). Assim, matematicamente o VCR é representado por:

$$VCR_{ij} = \frac{X_{ij}/X_{iz}}{X_j/X_z} \quad (1)$$

Em que,  $X_{ij}$  é o valor das exportações do setor  $i$  pelo Estado  $j$  (Bahia);  $X_{iz}$  é o valor das exportações do setor  $i$  da zona de referência  $z$  (Brasil);  $X_j$  é o valor total das exportações do Estado  $j$  (Bahia);  $X_z$  é o valor total das exportações da zona de referência  $z$  (Brasil).

Se o  $VCR_{ij}$  for superior à unidade ( $VCR_{ij} > 1$ ), o setor  $i$  apresenta vantagem comparativa revelada para o Estado da Bahia; caso contrário, se  $VCR_{ij}$  for inferior à unidade ( $VCR_{ij} < 1$ ), o setor  $i$  apresenta desvantagem comparativa revelada para o Estado  $j$  (Bahia).

#### 4.2. Índice de Contribuição ao Saldo Comercial (ICSC)

O Indicador de Contribuição ao Saldo Comercial (ICSC), desenvolvido por Lafay (1990), consiste na comparação do saldo comercial de cada produto, ou grupo de produtos, com o saldo comercial teórico desse mesmo produto. Entretanto, diferentemente dos indicadores de vantagens comparativas reveladas, esse indicador leva em consideração as importações. O ICSC é representado da seguinte forma:

$$ICSC_{ij} = \frac{100}{(X + M)/2} \left[ (X_i - M_i) - (X - M) \frac{(X_i + M_i)}{(X + M)} \right] \quad (2)$$

Em que  $X_i$  representa as exportações do setor  $i$  efetuadas pelo estado; e  $M_i$  se refere às importações deste mesmo setor; já  $X$  e  $M$ , são respectivamente as exportações e importações totais do estado da Bahia.

Se  $ICSC_{ij}$  for positivo, o produto  $i$  apresenta vantagem comparativa revelada e, por outro lado, se  $ICSC_{ij}$  for negativo, o produto não apresenta vantagem comparativa revelada.

#### 4.3. Índice Setorial do Comércio Intraindustrial (CII)

O índice setorial do comércio intraindustrial (CII), desenvolvido por Grubel e Lloyd (1975), tem o intuito de classificar o comércio exterior de uma economia em interindustrial ou intraindustrial e pode ser apresentado da seguinte maneira:

$$CII = 1 - \frac{\sum_i |X_i - M_i|}{\sum_i (X_i + M_i)} \quad (3)$$

sendo  $X_i$  as exportações do produto  $i$ , e  $M_i$  as importações do produto  $i$ . O valor do índice varia entre 0 e 1. Quando o índice é igual a zero, todo o comércio é explicado pelo comércio interindústria, aquele que segue os moldes do teorema de Heckscher-Ohlin, sendo, neste caso, ou as importações ou as exportações de cada bem  $i$  iguais a zero. Por outro lado, valores iguais a um, indicam que todo o comércio é intraindústria. Nesse caso o valor das exportações é igual ao valor das importações do bem  $i$ . Para valores maiores que zero, porém menores que a unidade, pode-se dizer que as dotações de fatores são diferentes entre as regiões, ou países, e existem efeitos da economia de escala e diferenciação de produtos.

Quando o indicador  $CII$  se aproximar de zero pode-se concluir que há comércio interindustrial. Neste caso, o comércio é explicado pelas vantagens



comparativas, ou seja, observa-se a presença de comércio entre produtos de diferentes setores da Bahia com os países parceiros. Esse evento pode ser observado ao se constatar a ocorrência de apenas importação ou apenas exportação do setor  $i$  (ou produto  $i$ ). Por outro lado, quando  $CII$  for igual ou maior que 0,50 ( $CII > 0,5$ ) o comércio é caracterizado como sendo intraindustrial.

#### 4.4. Índice de Concentração Setorial das Exportações (ICS)

O índice de concentração setorial das exportações (ICS), também conhecido como coeficiente *Gini-Hirschman*, é utilizado com a finalidade de mensurar a concentração das exportações de cada setor exportador  $i$  realizados pelo estado  $j$  (Bahia). O ICS é representado pela seguinte maneira:

$$ICS_{ij} = \sqrt{\sum_i \left(\frac{X_{ij}}{X_j}\right)^2} \quad (4)$$

Em que  $X_{ij}$  representa as exportações do setor  $i$  pelo Estado  $j$  (Bahia) e  $X_j$  representa as exportações totais do Estado  $j$  (Bahia). O ICS varia no intervalo  $[0,1]$ . Quanto mais próximo a 1, mais concentradas serão as exportações em poucos setores e, por outro lado, quanto mais próximo de 0, mais diversificada será a composição da pauta de exportações.

#### 4.5. Taxa de Cobertura

Por último, tem-se a taxa de cobertura das importações, que indica quantas vezes o volume das exportações do setor  $i$  está cobrindo seu volume de importação. O índice é obtido através da seguinte expressão:

$$TC_{ij} = \frac{X_{ij}/M_{iz}}{X_i/M_i} \quad (5)$$

Em que  $X_{ij}$  e  $M_{ij}$  são, respectivamente, as exportações e importações do setor  $i$  do Estado  $j$  (Bahia). Um valor superior a 1 traduz uma taxa de cobertura setorial superior à taxa de cobertura global, evidenciando tratar-se de um setor competitivo. Se o indicador for inferior a 1, significa que o setor não é competitivo na medida em que a sua taxa de cobertura é inferior à taxa de cobertura global. Este indicador é útil, sobretudo, para comparações intertemporais.

#### 4.6. Definição das variáveis e fonte de dados

Com o objetivo de explicar o padrão comercial da Bahia no período de 2005 a 2016 e apontar os setores produtivos do Estado que apresentam maior especialização e competitividade, serão utilizados indicadores baseados nos fluxos comerciais. O

banco de dados para o cálculo destes indicadores é obtido junto à Secretaria do Comércio Exterior (Secex) do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio do Brasil (MDIC), acessível através do Sistema de Análise de Informações do Comércio Exterior (Aliceweb2).

Os dados relativos às importações e exportações desagregadas por setores segue o padrão da literatura empírica da área, como apresentam Feistel e Hidalgo (2011) e Maia (2005). Os capítulos referem-se aos setores produtivos, e, a partir de cada capítulo correspondente ao agrupamento de produtos, obtêm-se os valores das importações e exportações. Para classificar as mercadorias, em 1996 o Brasil passou a utilizar a Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM), a qual é utilizada pelos outros integrantes do bloco, baseada no Sistema Harmonizado de Designação e Codificação de Mercadorias (Capítulos SH) (BRASIL, 2017). Segue no Quadro 1 o resumo das variáveis utilizadas para o cálculo quanto aos indicadores.

**Quadro 1 – Resumo das variáveis utilizadas**

SEÇÕES	CAPÍTULOS SH2
Seção I	Animais vivos e produtos do reino animal
Seção II	Produtos do reino vegetal
Seção III	Gorduras e óleos animais ou vegetais, etc.
Seção IV	Produtos das indústrias alimentares, bebidas, etc.
Seção V	Produtos minerais
Seção VI	Produtos das indústrias químicas ou indústrias conexas
Seção VII	Plásticos e suas obras, borracha e suas obras
Seção VIII	Peles, couros, peleteria e obras destas matérias, etc
Seção IX	Madeira, carvão vegetal e obras de madeira, cortiça
Seção X	Pasta de madeira, etc, papel e suas obras
Seção XI	Matérias têxteis e suas obras
Seção XII	Calçados, chapéus e artefatos de uso semelhante, etc
Seção XIII	Obras de pedra, gesso, cimento, etc, produtos cerâmicos
Seção XIV	Pérolas naturais ou cultivadas, pedras preciosas, etc
Seção XV	Metais comuns e suas obras
Seção XVI	Maquinas e aparelhos, material elétrico, suas partes
Seção XVII	Material de transporte
Seção XVIII	Instrumentos e aparelhos de óptica, fotografia
Seção XIX	Armas e munições, suas partes e acessórios
Seção XX	Mercadorias e produtos diversos
Seção XXI	Objetos de arte, de coleção e antiguidades
Seção XXII	Transações especiais

Fonte: Elaboração própria com base em Aliceweb2 - MDIC (2017)

## 5. Resultados e discussões

O indicador VCR quantifica a tendência de especialização internacional de uma economia e é útil para evidenciar os padrões de comércio predominantes na economia, embora não mostrem se estes padrões são ótimos ou não (HIDALGO, 1998).

A Tabela 4 demonstra a evolução do índice de vantagens comparativas reveladas da Bahia no período entre 2005 e 2016. Das 22 seções contidas na tabela, em 12 delas a Bahia apresentou vantagens comparativas ( $VCR > 1$ ) em um ou mais anos nesse período. Desse total, 5 setores apontaram vantagem comparativa superior

à unidade em todo o período da análise, ou seja, esses setores apresentaram especialização permanente no que se refere à competitividade e inserção baiana no mercado internacional.

Considerando esse indicador, o destaque do Estado é o setor de pasta de madeira e papel, que contém produtos do qual o Estado é tradicional produtor. Este grupo apresenta, a partir de 2007, índices acima de 4, chegando a 5,78 em 2011. O setor têxtil é o segundo no *ranking* das vantagens comparativas no Estado, com vantagem comparativa média de 3,88.

Os setores referentes às seções VI, VII e XIV também são importantes para o Estado, apresentando vantagem comparativa em todos os anos analisados. Diante desses aspectos é possível compreender, sob a ótica das vantagens comparativas, que a Bahia possui um grande número de setores que possuem tais vantagens, apresentando, desta forma, uma pauta com certo nível de diversificação, deixando o Estado mais forte frente às oscilações de variáveis externas.

**Tabela 4. Vantagem Comparativa Revelada da Bahia no período de 2005 a 2016**

Seções	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
I	0,04	0,03	0,02	0,03	0,05	0,03	0,01	0,00	0,05	0,03	0,05	0,06
II	0,76	0,63	0,72	0,90	1,05	1,00	0,99	0,88	0,74	0,81	0,92	0,69
III	0,52	0,30	0,17	0,32	0,22	0,26	0,31	0,07	0,10	0,09	0,10	0,10
IV	0,67	0,49	0,53	0,59	0,54	0,51	0,46	0,53	0,46	0,64	0,71	0,67
V	1,81	1,11	0,88	0,84	0,61	0,61	0,68	0,81	0,70	0,71	0,54	0,54
VI	3,18	3,13	3,37	2,81	2,86	3,42	2,88	2,80	2,88	3,11	2,31	2,48
VII	1,88	2,01	2,54	2,03	2,24	1,81	2,05	2,19	2,13	2,35	2,39	2,76
VIII	0,90	0,92	1,00	1,16	1,47	1,33	1,39	1,31	1,21	1,22	1,24	1,33
IX	0,07	0,09	0,09	0,06	0,03	0,02	0,02	0,02	0,00	0,00	0,00	0,01
X	2,48	3,57	4,06	5,79	5,55	5,58	5,78	5,38	5,62	5,31	4,34	4,19
XI	1,83	2,20	2,46	2,75	3,51	3,87	5,96	5,22	4,10	5,29	5,02	4,30
XII	0,55	0,64	0,87	1,01	1,09	1,29	1,25	1,38	1,36	1,05	1,05	1,65
XIII	0,04	0,07	0,05	0,05	0,07	0,07	0,06	0,04	0,04	0,02	0,02	0,05
XIV	2,47	3,22	2,73	3,23	2,98	3,04	3,23	2,86	2,61	2,60	2,36	2,93
XV	0,86	1,36	1,38	1,31	1,12	1,02	1,09	0,76	1,57	0,92	1,41	1,69
XVI	0,05	0,06	0,09	0,10	0,07	0,11	0,09	0,07	0,08	0,09	0,09	0,08
XVII	1,12	1,16	0,84	0,66	0,69	0,71	0,57	0,89	1,00	0,64	0,58	0,63
XVIII	0,06	0,03	0,01	0,02	0,03	0,03	0,03	0,02	0,00	0,01	0,00	0,01
XIX	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
XX	1,10	1,18	1,05	0,74	0,29	0,29	0,33	0,14	0,01	0,05	0,06	0,08
XXI	0,37	0,01	0,03	0,01	0,01	0,01	0,40	0,01	0,00	0,02	0,03	0,00
XXII	0,58	0,51	0,58	0,55	0,67	0,67	0,57	0,48	0,55	0,60	0,62	0,94

Fonte: Elaboração própria com base em Aliceweb2 - MDIC (2017)

Como mostra a Tabela 5, o índice ICSC apresenta as vantagens comparativas levando em consideração as importações, as vendas externas de produtos relacionados ao setor de plásticos e borracha possui maior inserção no comércio internacional, apontando índice médio de 4,52. Os produtos do reino vegetal e das indústrias químicas, que em todo o período representaram parte substancial da pauta exportadora do Estado, tiveram vantagem comparativa em todos os anos analisados,

contribuindo este último para que o índice de contribuição ao saldo comercial (9,78) fosse o maior em todo o período analisado.

Vale registrar que o setor de produtos cerâmicos e material de transporte, que apresentavam contribuição positiva em 2005 e 2006, registraram valores negativos nos demais anos, chegando a atingir ICSC de -8,82 em 2009 e ICSC = -8,78 em 2011, respectivamente, como mostra a Tabela 5.

**Tabela 5. Contribuição ao Saldo Comercial da Bahia no período de 2005 a 2016**

Seções	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
I	5,87	-2,57	-1,54	4,67	1,54	-1,83	-8,89	-1,03	2,21	-2,33	5,36	5,74
II	3,79	3,60	5,60	1,17	1,35	1,81	3,05	2,95	2,81	3,57	3,78	1,37
III	5,11	3,45	-7,40	-7,74	-1,29	-3,42	-5,06	-3,98	-2,87	-3,51	-2,40	-2,38
IV	3,82	4,47	4,54	8,40	4,96	9,78	1,32	1,39	1,76	2,03	1,96	8,36
V	-1,81	-3,56	-3,98	-5,50	-3,24	-5,52	-5,94	-3,53	-6,92	-8,87	-9,76	-5,77
VI	1,60	6,74	1,16	-2,33	7,51	2,06	4,74	4,36	1,04	2,15	9,70	6,22
VII	2,12	4,14	6,94	2,38	3,61	1,94	2,36	4,84	3,77	8,65	8,09	5,43
VIII	4,83	1,11	1,42	1,91	1,37	2,50	3,59	3,76	4,24	5,26	3,83	2,38
IX	1,53	2,73	3,01	1,80	2,91	4,44	3,25	1,85	-2,39	-1,33	-3,58	-5,19
X	5,59	1,24	1,89	3,74	2,36	4,43	5,49	5,11	5,91	5,81	4,48	2,77
XI	2,22	3,36	4,45	5,60	4,60	7,97	1,78	2,00	1,00	1,66	1,34	6,59
XII	7,26	1,08	1,68	2,14	1,16	2,11	1,93	1,67	1,75	1,59	1,37	1,57
XIII	7,84	5,65	-5,01	-1,48	-8,82	-2,92	-6,25	-7,25	-6,94	-6,25	-4,07	-2,13
XIV	1,32	3,06	3,37	5,53	4,43	8,16	1,27	1,33	1,24	1,12	8,89	8,91
XV	6,64	1,72	2,14	2,61	9,25	1,19	2,01	-7,36	1,05	9,50	1,09	1,63
XVI	-1,57	-2,35	-3,65	-3,06	-2,48	-4,00	-4,80	-4,88	-5,10	-4,52	-3,54	-2,84
XVII	4,28	5,46	-5,35	-1,58	-1,58	-2,91	-4,90	-4,41	-3,26	-5,08	-2,27	-8,78
XVIII	-1,05	-1,54	-1,33	-2,35	-1,33	-2,05	-2,42	-3,54	-4,43	-2,86	-2,06	-1,55
XIX	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	-1,34	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
XX	8,10	1,13	1,20	6,71	1,68	-1,55	-5,84	-1,37	-1,38	-1,34	-9,82	-6,74
XXI	-2,36	-8,41	3,41	-4,56	3,50	1,41	2,87	-3,08	-6,88	-1,64	2,80	2,98
XXII	8,59	1,18	1,74	2,94	1,61	3,01	3,90	3,64	3,95	4,44	2,57	1,80

Fonte: Elaboração própria com base em Aliceweb2 - MDIC (2017)

O outro índice analisado neste estudo para o estado da Bahia é o comércio intraindústria que consiste na utilização da exportação e importação simultânea de produtos do mesmo setor (Tabela 6).

**Tabela 6. Comércio Intraindústria na Bahia no período de 2005 a 2016**

Seções	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
I	0,69	0,98	0,83	0,32	0,61	0,98	0,61	0,32	0,83	0,98	0,69	0,45
II	0,19	0,40	0,48	0,42	0,21	0,30	0,28	0,30	0,41	0,32	0,22	0,38
III	0,03	0,09	0,94	0,89	0,42	0,29	0,40	0,16	0,18	0,11	0,15	0,09
IV	0,32	0,39	0,55	0,45	0,52	0,46	0,37	0,45	0,24	0,34	0,18	0,56
V	0,95	0,71	0,66	0,70	0,64	0,69	0,85	0,98	0,67	0,55	0,30	0,35
VI	0,65	0,58	0,58	0,84	0,58	0,54	0,77	0,76	0,81	0,75	0,84	0,77
VII	0,44	0,45	0,49	0,72	0,55	0,77	0,75	0,68	0,81	0,72	0,70	0,68
VIII	0,43	0,35	0,44	0,32	0,18	0,20	0,13	0,11	0,15	0,14	0,09	0,13
IX	0,01	0,01	0,03	0,11	0,43	0,36	0,56	0,66	0,71	0,82	0,91	0,95
X	0,04	0,03	0,03	0,01	0,01	0,02	0,02	0,02	0,02	0,03	0,03	0,03
XI	0,19	0,20	0,29	0,30	0,22	0,29	0,30	0,25	0,42	0,32	0,31	0,34
XII	0,03	0,03	0,08	0,08	0,19	0,22	0,27	0,38	0,43	0,35	0,27	0,16
XIII	0,71	0,55	0,96	0,76	0,87	0,60	0,42	0,30	0,30	0,20	0,25	0,47
XIV	0,00	0,00	0,01	0,00	0,00	0,01	0,01	0,00	0,01	0,01	0,00	0,00
XV	0,14	0,08	0,10	0,15	0,25	0,38	0,31	0,97	0,75	0,73	0,79	0,31
XVI	0,10	0,12	0,11	0,16	0,09	0,12	0,13	0,11	0,09	0,09	0,09	0,07

Cont.

Seções	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
XVII	0,52	0,77	0,98	0,82	0,66	0,61	0,49	0,68	0,76	0,38	0,51	0,76
XVIII	0,07	0,04	0,02	0,02	0,04	0,04	0,05	0,02	0,01	0,01	0,01	0,02
XIX	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
XX	0,12	0,14	0,21	0,43	0,76	0,96	0,78	0,38	0,04	0,12	0,13	0,19
XXI	0,18	0,03	0,03	0,73	0,38	0,63	0,06	0,96	0,28	0,76	0,72	0,66
XXII	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00

Fonte: Elaboração própria com base em Aliceweb2 - MDIC (2017)

Entre os setores com maior significância nas exportações estaduais, observa-se que o setor de produtos de indústrias químicas apresenta um elevado índice de comércio intraindústria em todo o período analisado, indicando virtuosa inserção externa. Nota-se, assim, que a Bahia está comercializando esses produtos com países com mesmas características econômicas. Entre as explicações para o fluxo de comércio intraindústria, tem-se a economia de escala e a diferenciação de produtos (KRUGMAN, 1981).

De forma agregada, a Bahia apresenta um padrão de comércio mais intersetorial<sup>3</sup>, apesar de apresentar no período de 2005 a 2016, alguns valores elevados, característico do padrão de comércio intraindústria. Como a média é aproximadamente de (0,47), isto significa que a Bahia apresenta especialização nos setores com vantagens comparativas principalmente nos que são voltados para recursos naturais. Contudo, deve-se ressaltar a relevância de setores com elevados valores para o indicador de Comércio Intraindústria, como o de produtos minerais e químicos (Tabela 7).

**Tabela 7. Comércio Intraindústria Agregado na Bahia no período de 2005 a 2016**

Ano	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
CII	0,54	0,46	0,48	0,52	0,41	0,45	0,51	0,59	0,54	0,44	0,38	0,39

Fonte: Elaboração própria com base em Aliceweb2 - MDIC (2017)

Quanto ao índice de Concentração das Exportações, torna-se de fundamental importância a sua análise devido a mudanças ocorridas no cenário nacional e internacional após a abertura comercial brasileira que se intensificou na primeira metade dos anos de 1990 (Tabela 8).

Como pode ser observado, não é possível afirmar que a Bahia apresentou uma pauta de exportações concentrada em poucos setores, sendo que a média do indicador é de 0,33 oscilando entre 0,32 e 0,36. Outros trabalhos nesta mesma linha como Costa *et al.* (2012) e Paganini & Fraga (2014), analisando o estado do Paraná em períodos diferentes, também constataram relativa diversificação da pauta exportadora. Como conclusão, chegaram que este resultado é reflexo das vantagens comparativas do Estado, conforme sugerido pelos demais indicadores apresentados.

<sup>3</sup> O comércio exterior desses produtos é aquele que segue os postulados da teoria Heckscher-Ohlin, que reflete as vantagens comparativas em relação às dotações de fatores de produção da Bahia e seus parceiros comerciais.

**Tabela 8. Índice de Concentração das Exportações da Bahia no período de 2005-2016**

Ano	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
ICS	0,36	0,34	0,33	0,34	0,33	0,35	0,34	0,34	0,33	0,34	0,33	0,32

Fonte: Elaboração própria com base em Aliceweb2 - MDIC (2017)

Analisando a Taxa de Cobertura do Comércio, percebe-se que nem todos os produtos mais relevantes na pauta exportadora baiana em 2005 permaneceram como importantes setores ao final do período analisado. Destaque principalmente para os produtos relacionados a seção XIV que liderou o *ranking* em todos os anos e para os produtos da seção X, também muito relevante, mantendo-se entre aqueles que apresentaram as maiores taxas de cobertura no período em questão (Tabela 9).

O setor madeireiro apresentou exportações superiores às importações até 2012. A partir de então, o setor passou a apontar índices cada vez menores, demonstrando importações superiores às exportações, ou seja, uma mudança no padrão comercial do setor a partir de 2013.

**Tabela 9. Taxa de Cobertura do Comércio Baiano no período de 2005 a 2016**

Seções	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
I	1,30	0,99	0,60	1,09	1,43	0,72	0,30	0,13	1,21	0,97	1,97	3,10
II	5,04	2,63	2,31	2,72	5,62	4,16	4,25	3,78	3,35	5,09	8,24	3,77
III	35,45	13,29	0,81	0,58	0,17	0,13	0,17	0,06	0,09	0,06	0,09	0,04
IV	2,84	2,68	1,92	2,44	1,86	2,46	2,99	2,36	6,28	4,73	10,45	2,28
V	0,51	0,36	0,37	0,39	0,31	0,40	0,52	0,66	0,44	0,38	0,19	0,19
VI	1,15	1,59	1,75	0,99	1,60	1,99	1,11	1,10	1,28	1,64	1,44	1,43
VII	1,93	2,26	2,22	1,27	1,73	1,20	1,14	1,33	1,27	1,76	1,93	1,74
VIII	2,01	3,08	2,53	3,68	6,40	6,62	9,73	11,26	10,66	12,63	21,48	12,82
IX	65,35	68,78	42,29	11,67	2,42	3,42	1,78	1,38	0,48	0,69	0,87	0,83
X	25,67	33,45	41,70	72,94	73,90	73,35	61,77	54,43	69,65	54,43	62,13	60,10
XI	5,20	5,63	4,23	4,10	5,15	4,32	3,93	4,62	3,27	5,12	5,63	4,34
XII	29,82	34,51	16,63	16,29	6,22	6,04	4,36	2,84	3,16	4,68	6,67	10,36
XIII	1,01	1,73	0,68	0,45	0,52	0,32	0,19	0,12	0,15	0,11	0,15	0,28
XIV	586,9	518,6	122,0	288,0	322,1	729,9	735,0	841,4	552,3	423,8	170,6	424,4
XV	6,99	15,37	12,74	8,50	4,65	3,17	3,72	0,71	1,44	1,70	1,59	4,89
XVI	0,03	0,04	0,04	0,06	0,03	0,05	0,05	0,04	0,04	0,05	0,05	0,03
XVII	1,57	1,03	0,75	0,51	0,32	0,33	0,23	0,36	0,54	0,23	0,36	0,56
XVIII	0,02	0,01	0,01	0,01	0,01	0,02	0,02	0,01	0,02	0,00	0,00	0,01
XIX	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
XX	8,23	8,48	6,11	2,57	1,07	0,70	0,45	0,16	0,01	0,06	0,07	0,09
XXI	0,05	0,01	43,08	0,42	2,78	1,64	19,84	0,73	0,14	0,61	1,84	1,81
XXII	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00

Fonte: Elaboração própria com base em Aliceweb2 - MDIC (2017)

Quando as exportações forem superiores às importações e ao mesmo tempo existir no mesmo setor vantagem comparativa, conclui-se que o setor é especializado no comércio internacional, caso do período 2005-2016. Neste contexto, verifica-se que na conjugação desses dois índices a Bahia apresenta ponto forte durante todo o período analisado nos setores exportadores de plásticos, borracha, produtos como pasta de madeira, papel, matéria e pérolas naturais. É interessante observar que o setor de materiais de transporte apresenta ponto forte nos anos 2005 e 2006,

apontando queda no rendimento nos anos seguintes tanto por conta da vantagem comparativa quanto pela taxa de cobertura.

Ressaltam-se políticas públicas voltadas para esses setores que antes apresentavam pontos fortes e, no período recente, mostram baixo desempenho. Sugere-se que os formuladores apresentem políticas bem focadas e efetivas (LOURENÇO *apud* PAGANINI & FRAGA, 2014). O governo poderia adotar certas políticas econômicas que venham a proporcionar um maior padrão de comercialização desses produtos, seja por meio de incentivos fiscais, seja pela melhoria das vias de escoamento desses produtos, e também através da criação de novos polos produtivos, a fim de dinamizar ao máximo a produção e a comercialização dos produtos por toda a extensão do Estado da Bahia.

## **6. Considerações finais**

O artigo analisou o padrão de comércio exterior dos diversos setores do Estado da Bahia, através da utilização de indicadores que permitem medir a competitividade. A composição setorial das exportações baianas para o resto do mundo revela que os setores de plásticos, borracha, pasta de madeira, papel, matérias e pérolas naturais apresentam-se como competitivos no comércio internacional no período de 2005 a 2016. Como mencionado anteriormente, o setor materiais de transportes não manteve nos anos mais recentes o padrão de especialização. Esses indicadores demonstram um padrão de exportação baseado em produtos intensivos em recursos naturais e da indústria de transformação.

Os produtos da indústria baiana que obtiveram maiores vantagens comparativas foram também aqueles que apresentaram maior contribuição ao saldo comercial do estado, de acordo com o Índice de Contribuição ao Saldo.

Considerando a importância do comércio intraindústria, o setor de produtos das indústrias químicas foi o principal setor que apresentou esse tipo de comércio durante todo o período analisado. Os setores químicos, em sua maioria, estão instalados no Polo de Camaçari, maior complexo petroquímico da América Latina. Em relação aos parceiros comerciais, a China se apresenta como principal importador, posição que antes pertencia aos Estados Unidos considerados os maiores compradores de produtos do Estado.

Mediante o índice de comércio intraindústria agregado, concluiu-se que o estado possui estrutura de comércio exterior interindustrial pela média do período, caracterizado pelo fluxo de bens de diferentes setores. Esse tipo de comércio reflete as vantagens comparativas em relação à dotação de fatores de produção entre o estado e países com os quais comercializa.

Portanto, foi observado o padrão das exportações do estado da Bahia, mostrando os pontos fortes de tais setores. Como já sugerido anteriormente, políticas voltadas ao setor exportador devem ser apresentadas para melhorar a relação da Bahia com os seus parceiros comerciais, tentando buscar também novos parceiros e, assim, ampliar seu comércio.

## 7. Referências

BALASSA, B. **Trade liberalization and revealed comparative advantage**. Washington, DC: World Bank, 1965.

BANNOCK, G. et al. **The Penguin dictionary of economics**. Middlesex: Penguin Books, 1977. 428 p.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Secretaria de Comércio Exterior. **Alice WEB2**. Brasília, 2017. Disponível em: <<http://aliceweb.mdic.gov.br/>>. Acesso em: 15 jan. 2017.

COSTA, L. V. et al. Competitividade e padrão de especialização do fluxo industrial de comércio exterior do Paraná, 1996 a 2008. **Revista de Economia**, Curitiba: UFPR, v.38, n.3, p.7-29, set./dez. 2012.

FEISTEL, P. R. **A natureza do comércio das regiões brasileiras no Mercosul**. [Tese de Doutorado]. Programa de Pós-Graduação em Economia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), 2006.

FEISTEL, P. R.; HIDALGO, A. B. O Intercâmbio comercial nordeste - China: desempenho e perspectivas. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza: Banco do Nordeste, v.42, n.4, p.761-777, out./dez. 2011.

GREENAWAY, D.; HINE, R. C; MILNER, C. Country-Specific Factors and the Pattern of Horizontal and Vertical Intra-Industry Trade in UK" *Weltwirtschaftliches Archiv* 130 (1), p. 77-100, 1994.

GRUBEL, H.; LLOYD, P. **Intra-Industry trade: the theory and the measurement of international trade in differentiated products**. London: Macmillan, 1975.

GUIMARÃES, M. C. **O Mercosul e o desempenho do comércio intra-indústria do setor brasileiro de papel e celulose**. [Mestrado em Economia]. Programa de pós graduação em Economia Aplicada da Universidade Federal de Viçosa (UFV), 2007.

HIDALGO, A. B. Intercâmbio Comercial Brasileiro Intra-indústria: Uma Análise Entre Indústrias e entre países. *Revista Brasileira de Economia*, V.1, n.2, abr./jun. 1993. p. 243-264.

HIDALGO, A. B. Especialização e competitividade do nordeste brasileiro no mercado internacional. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza: Banco do Nordeste, v.29, p.491-414, jul./set. 1998.

HIDALGO, A. B.; Mata, D. F. P. G. da. A especialização do nordeste brasileiro e do Estado do Pernambuco no comércio exterior. **Texto para Discussão**, nº 465. PIMES/UFPE, 2003.

KRUGMAN, P. R. Intraindustry Specialization and the Gains from Trade. **Journal of Political Economy**, vol. 89(5); p. 959-73, 1981.



KRUGMAN, P. R.; OBSTFELD, M. **Economia Internacional: Teoria e Política**. São Paulo: Makron Books, 2005.

MAIA, S. F. Transformações na estrutura produtiva do estado do Paraná na década de 90: análise por vantagem comparativa. In: MAIA, S. F.; MEDEIROS, N. H. de (Org.). **Transformações recentes da economia paranaense**, Recife: Editora Universitária, 2005. v.1, p.65-88.

MDIC (Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços). **Indicadores e Estatísticas**. URL [on-line]: <<http://www.desenvolvimento.gov.br>>. Acesso em: jan. de 2017.

MOURA, Ticianá; BARBOSA, Lorenna Alves Leite. A evolução do comércio exterior baiano e possíveis compatibilidades com as realidades nordestina e baiana. **Revista de Iniciação Científica em Relações Internacionais**, v. 1, n. 2, p. 33-54, 2014.

PAGANINI, Caio Cezar; FRAGA, Gilberto Joaquim. Padrão de Especialização do Comércio Internacional do Paraná no Período 2001-2011. **Revista Paranaense de Desenvolvimento-RPD**, v. 35, n. 127, p. 135-154, 2014.

RICARDO, D. **Princípios de Economia Política e Tributação**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

ROCHA, F. E. **Estrutura e composição do comércio e grau de abertura da economia baiana: uma análise do período 2000-2010**. [Monografia em Economia]. Universidade Federal da Bahia (UFBA), 2012.

SMITH, A. **A Riqueza das Nações: Investigação sobre sua Natureza e suas Causas**. 2. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

SUPERINTENDENCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA (SEI). **Boletim do Comércio Exterior - 2016**. Disponível em: <[http://www.sei.ba.gov.br/images/releases\\_mensais/pdf/bce/bce\\_dez\\_2016.pdf](http://www.sei.ba.gov.br/images/releases_mensais/pdf/bce/bce_dez_2016.pdf)>. Acesso em: fev, 2017.